

Aliedo

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE CONTABILIDADE: ASPECTOS CULTURAIS E METODOLÓGICOS

*Claudio Ulysses Ferreira Coelho **

Resumo

O objetivo principal deste artigo é promover uma reflexão sobre o ensino da contabilidade no Brasil, enfatizando aspectos culturais e metodológicos. A importância desse debate tem como objetivo principal apontar a necessidade de mudança de foco dos programas de contabilidade no país, a fim de torná-los mais próximos às necessidades profissionais de nosso tempo e alinhados à dinâmica social e econômica atual. Por meio da discussão sobre o desenvolvimento histórico, educacional e profissional da contabilidade no Brasil até sua configuração atual no cenário nacional, verificar-se-á, neste estudo, alguns pontos merecedores de atenção para a consecução do objetivo principal do presente debate: a melhoria da qualidade dos programas de contabilidade no Brasil.

Palavras-chave: Ensino contábil; Ciência social; Perfil profissional; Sistema contábil; Ética profissional

INTRODUÇÃO

Muitas seriam as razões que poderíamos apresentar para defender a importância de uma reflexão sobre o processo de ensino e aprendizagem na área contábil. Um primeiro aspecto seria a longevidade que a área goza, tanto do ponto de vista educacional quanto profissional, no cenário nacional.

O embrião da educação contábil no Brasil são as aulas de Comércio, que tiveram início com a vinda da Corte Portuguesa ao país, em 1808, em função da guerra na Europa e a invasão francesa imposta por Napoleão. Nesse mesmo ano é fundada, então, a Aula de Comércio da Corte. É, portanto, dentro do contexto histórico-educacional brasilei-

ro, uma das áreas mais antigas a possuir uma instituição educacional específica.

A profissão também desfruta dessa longevidade, visto que a primeira regulamentação contábil realizada em território brasileiro depois de sua independência ocorreu em 1870, através do reconhecimento oficial da Associação dos Guarda-Livros da Corte por meio do Decreto Imperial n.º 4. 475¹.

Esse decreto representa um marco, pois, como lembra RODRIGUES (1988)², caracteriza o guarda-livros como a primeira profissão liberal regulamentada no país e, como se sabe, representa a origem da profissão contábil nacional.

Um outro aspecto importante assenta-se sobre a configuração atual da área contábil e de sua perspectiva de crescimento. Isso pode ser visualizado não só pela quantidade atual de oferta de cursos de contabilidade em todo o país, mas também pelo número de profissionais atuantes.

De acordo com dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP 2006)³, no cadastro de

instituições do ensino superior encontram-se 947 cursos de Ciências Contábeis. Significa que a contabilidade representa a sexta maior área de conhecimento do país em número de cursos oferecidos, ficando atrás apenas dos cursos de Administração, Pedagogia, Engenharia, Direito e Letras.

Outro dado importante, agora fornecido pelo próprio Conselho Federal de Contabilidade (CFC)⁴, aponta que, em 31 de outubro de 2006, havia exatos 397.684 profissionais ativos registrados em todo o país. Esse número coloca a classe profissional contábil entre as três maiores do Brasil em número de afiliados. Ao todo havia, naquela data, 65.776 organizações contábeis e escritórios individuais em todo território nacional, o que demonstra uma nítida demanda de mercado para a área.

Aliado a esses dois aspectos iniciais, longevidade e configuração profissional atual, há ainda um terceiro, que representa a preocupação com a necessidade do aumento da qualidade dos programas de contabilidade, a fim de possibilitar,

* Assessor técnico das áreas profissionais de Gestão e Comércio do Senac – Departamento Nacional. Mestre em Ciências Contábeis pela UFRJ e professor do Ibme/RJ e da Universidade Gama Filho. E-mails: claudio@senac.br e claudioulysses@hotmail.com. Recebido para publicação em 19/01/07.

num futuro próximo, a melhora do controle dos recursos econômicos do país e o aumento da transparência na gestão das finanças públicas e privadas.

A conquista dos elementos mencionados no terceiro aspecto certamente consolidaria a imagem dessa profissão tão importante, mas, principalmente, possibilitaria uma participação mais efetiva da sociedade no acompanhamento dos resultados econômicos e sociais do país.

Um melhor controle das contas, a redução dos desperdícios e o planejamento dos gastos são aspectos importantes para o desenvolvimento de uma nação e de seus cidadãos.

Sendo assim, a inserção de metodologias ativas no processo educacional contábil do país, o uso efetivo dos recursos tecnológicos disponíveis em prol da referida melhoria de qualidade e a busca por uma mudança de foco na abordagem dos temas fundamentais e relevantes no ensino da profissão tornam-se imperativos.

Essa é, na verdade, a proposta de discussão deste artigo.

1. O QUE É REALMENTE IMPORTANTE NO ENSINO DA CONTABILIDADE?

Diante de um cenário tão complexo e mutável como o que se observa em nossos dias, esse é um questionamento que merece análise acurada.

O mundo hoje é diferente e amanhã o será também. A tecnologia faz parte de nossa rotina e a velocidade das informações é uma realidade que ao mesmo tempo nos assusta e nos desafia a acompanhá-la.

O ambiente empresarial encontra-se em ebulição. Além dos avanços da tecnologia da informação, há a concorrência, os acordos internacionais, as barreiras fiscais, a necessidade de treinamento de pessoal, o controle dos custos, a adaptação a situações mercadológicas cada vez mais inconstantes, enfim, são muitas as variáveis.



o ensino da contabilidade não deve compreender somente os aspectos práticos, técnico-operacionais e mecânicos de suas formas de registro. Ele deve avançar para questões mais abrangentes que envolvam análise crítica, postura ética, tomada de decisão e maior sensibilidade aos aspectos políticos, econômicos e sociais.

Não é sem motivo, então, a preocupação com os aspectos educacionais de modo geral, pois, como afirmam DEFFUNE & DEPRESBITERIS (2000), “*um nível elevado de educação de uma população pode mudar a natureza do trabalho*”⁵.

É por meio da educação que será possível garantir às novas gerações os direitos à cidadania e a aquisição dos recursos necessários para o acesso ao mercado de trabalho dentro de um cenário tal como o delineado linhas atrás.

Nesse sentido, há que se concordar com NEGRA (1999) quando afirma que “em qualquer processo educacional atual é preciso levar em consideração a crescente globalização dos mercados e também a evolução natural que isso implica: informações são criadas e descartadas numa velocidade surpreendente”⁶.

Por essa razão, o ensino da contabilidade não deve compreender somente os aspectos práticos, técnico-operacionais e mecânicos de suas formas de registro. Ele deve avançar para questões mais abrangentes que envolvam análise crítica, postura ética, tomada de decisão e maior sensibilidade aos aspectos políticos, econômicos e sociais.

A educação contábil deve estar associada à idéia de que é papel da contabilidade e de seus profissionais fomentar a formação de uma sociedade mais justa e mais digna.

Vive-se um tempo em que é comum verificar-se na imprensa a veiculação de fraudes, esquemas e corrupções que, pela frequência com que ocorrem, criam um sentimento de descrédito generalizado. Com isso, “*nossas sociedades, assim como as instituições e as organizações que as compõem, não mais se apresentam, individual ou coletivamente, como legítimas*” (ENRIQUEZ, 1997)⁷.

Nesse aspecto, no que diz respeito ao ensino da contabilidade, entendemos que um primeiro passo nessa direção seria reafirmá-la na sala de aula como ciência social aplicada, e não como ciência exata. Esse é um ponto de extrema importância, embora pareça óbvio, podendo inclusive soar estranho num primei-

• • •

no que diz respeito ao ensino da contabilidade, entendemos que um primeiro passo nessa direção seria reafirmá-la na sala de aula como ciência social aplicada, e não como ciência exata.

ro momento. Sua inobservância, porém, pode trazer enormes prejuízos aos processos de ensino e de aprendizagem da matéria.

É fato que a contabilidade, em seus registros, relatórios e demonstrativos, se utiliza bastante de números. Por vezes até, a fim de explicar como e porque tais resultados foram alcançados, emprega ainda dados percentuais e índices estatísticos. No entanto, há que se ponderar o fato de que, para se chegar aos resultados finais em um determinado período, foram necessárias inúmeras ações subjetivas, seja na escolha de alternativas, na opção pelo uso de determinado critério em detrimento de outros também possíveis, ou nas decisões sobre os procedimentos a tomar em situações inusitadas, que nem por terem tal característica deixam de ser merecedoras de orientação contábil. Em outras palavras, é possível obter resultados contábeis diferentes numa mesma situação sem que para isso seja necessário ferir a legislação ou utilizar artifícios que visem ludibriar o resultado das operações, ou mesmo infringir normas e regulamentos. Basta haver uma circunstância em

que haja dois ou mais caminhos possíveis e escolher alternativas diferentes. Essa é uma situação que os profissionais da área contábil se deparam com relativa frequência.

Dessa forma, sendo essa a concepção na prática profissional, ou seja, enfrentar várias situações em que não existam fórmulas únicas e precisar decidir num curto espaço de tempo e dentro de limites técnicos, operacionais, éticos e legais, fica sem sentido o ensino da contabilidade baseado somente na execução prática de cálculos realizados à exaustão ou na resolução de exercícios padronizados que exijam apenas raciocínio matemático, sem qualquer estímulo à análise.

Nas ciências exatas, como a matemática e a física, a aplicação de uma operação traz um resultado único e exato. O resultado de uma equação matemática é invariável, mesmo se a repetirmos duas ou mais vezes. Da mesma forma, a investigação de fenômenos na física necessita de métodos científicos que comprovem, por meio de repetição e com a obtenção de resultados idênticos, a ocorrência de determinados processos físicos.

Já na contabilidade, apesar do uso maciço dos números, não se concebe essa exatidão. Por essa razão, os cursos precisam equilibrar os aspectos quantitativos traduzidos pelos números com questões qualitativas que produzam capacidade para a tomada de decisão. Os aspectos subjetivos nas escolhas de alternativas para a resolução de problemas emergentes integra o perfil profissional do contador de nosso tempo e, portanto, deve ser objeto de atenção no processo de ensino e aprendizagem dos cursos de Ciências Contábeis, pois como afirmam SILVA e SILVA (1996), "*não é possível ensinar e educar descontextualizado de nossa era, do nosso espaço*"⁸.

Para melhor entendermos essa questão, vamos analisar dois breves exemplos. São simples e básicos, porém apresentam situações reais de trabalho. Entendemos que serão esclarecedores do ponto a que se deseja chegar.

As empresas comerciais, por exemplo, compram e vendem produtos. É importante para elas a informação contá-

bil de quantas mercadorias foram adquiridas, quantas foram vendidas e qual o saldo final no estoque. A contabilidade pode prover essa informação sem muita dificuldade. No entanto, existe mais de uma forma de se controlar os custos desses produtos. Analisaremos dois desses métodos: O custo médio e o PEPS, que é a abreviação da frase "Primeiro que Entra, Primeiro que Sai".

Se uma empresa compra em determinado mês 10 produtos ao custo unitário de R\$ 100,00, e no mês seguinte mais 10 produtos por R\$ 110,00 cada, vendendo em seguida 15 desses produtos, ela deve, pelo custo médio, fazer a seguinte conta:

Quantidade de produtos comprados:

20 (10 do primeiro mês + 10 do segundo mês)

Valor dos produtos comprados:

R\$ 2.100,00 (10 produtos x R\$ 100,00 + 10 produtos x R\$ 110,00)

Média dos produtos:

$2\ 100 / 20 \text{ unidades} = \text{R\$ } 105,00$ (custo unitário)

Logo, se cada produto tem um custo unitário de R\$ 105,00 e a empresa vende 15 desses produtos, o custo dos produtos que foram vendidos soma R\$ 1.575,00 (R\$ 105,00 x 15 unidades).

Se, porém, a empresa optar pelo método PEPS, o cálculo é diferente, pois nesse método os produtos mantêm os seus valores originais, mesmo na venda. Nesse caso, seria preciso baixar primeiro os valores mais antigos, pois eles devem ser os primeiros a sair. Sendo assim, o cálculo seria o seguinte:

Quantidade de produtos comprados:

10 un. ao custo de R\$ 100,00 = R\$ 1.000,00

10 un. ao custo de R\$ 110,00 = R\$ 1.100,00

total de 20 un. ao custo de = R\$ 2.100,00

Na hora da venda, terá que se considerar primeiro o preço das primeiras mercadorias compradas (10 unidades pelo preço unitário de R\$ 100,00) e somente depois que elas se esgotarem completar a conta com as demais. O cálculo seria a seguinte:

Produtos vendidos - 15, sendo:

10 unidades x R\$ 100,00 = R\$ 1.000,00

05 unidades x R\$ 110,00 = R\$ 550,00

total de 15 unidades R\$ 1.550,00

Como se pode observar, realizando a mesma operação, porém utilizando métodos de controle diferentes chegou-se a resultados diferentes, a saber: R\$ 1.575,00 pelo custo médio e R\$ 1.550,00 pelo PEPS.

Nesse caso, é muito importante apresentar em sala de aula a dinâmica de funcionamento e controle desses e de outros métodos. Mas isso não é suficiente. É tão somente o primeiro passo. É preciso, também, examinar com os alunos as vantagens e desvantagens que cada método pode proporcionar e, um pouco mais adiante, garantir-lhes autonomia analítica que os possibilite decidir com firmeza, em cada situação, qual método deve ser utilizado e porquê. Que implicações isso pode ter? Deve-se lembrar que o lucro na venda do produto advém da diferença positiva entre receitas e despesas. Logo, o controle do estoque e a apuração do custo das mercadorias que foram vendidas afetam diretamente o lucro da empresa. Além disso, o governo estabelece o lucro como fato gerador de alguns tributos e, portanto, a escolha do método trará também impactos tributários para a empresa. Os alunos devem saber, ainda, que alguns métodos podem não ser aceitos pela legislação fiscal de nosso país.

Como se observa, são muitas as implicações decorrentes de uma simples escolha de critério e discutir em classe essas questões é tão importante quanto o aprendizado dos cálculos de apuração de cada método. Até porque



tais implicações e diferenças de valores entre os métodos tendem a se reduzir em processos econômicos estáveis. Ou seja, se não houver inflação, por conseguinte não haverá variações de preços nas compras dos produtos e, nesse caso, tanto faz utilizar um método ou outro: o resultado será o mesmo. Fica claro, portanto, que variáveis não contábeis – a inflação, por exemplo, que tem cunho econômico – afetam o trabalho contábil.

Essa é mais uma razão para não limitar e resumir o ensino da contabilidade somente aos aspectos estritamente contábeis, pois, como já afirmara CAMARGO (1991), “*sem doutrina, sem cultura geral, não se pode ambicionar plenitude no desempenho do exercício da profissão contábil*”⁹.

Um segundo exemplo bastante elucidativo está no cálculo do custo da elaboração de um produto ou da prestação de um serviço. Custo é o gasto realizado na produção de um bem. Existem custos que você consegue identificar diretamente em cada produto – são os custos diretos. Pode-se calcular, por exemplo, com relativa precisão, quanto de material (madeira, ferro, fôrmica etc.) se gastou para a construção de uma mesa ou de uma cadeira, mas é impossível saber quanto de energia elétrica foi consumido individualmente na produção de cada uma. Até porque o gasto com energia elétrica não ocorre somente nas máquinas de produção da fábrica, mas também os computadores nas salas administrativas, as lâmpadas nos corredores e as máquinas de café, por exemplo, consomem energia. Ou seja, somente uma parte desse gasto com energia, aquele realizado na fábrica, é considerado custo de produção. É preciso, portanto, estabelecer alguma forma de medição desse gasto, porque uma parte dele – aquela que foi utilizada na produção – é custo, mas a outra parcela utilizada pela administração geral ou pelo setor de vendas da empresa representa uma despesa operacional, e na lógica contábil não se constitui um custo.

Calcular o custo de energia despendido na elaboração de

mesas e cadeiras, por exemplo, exigirá um cálculo inicial para identificação do quanto de energia foi gasto especificamente na produção. Posteriormente, após a identificação do quanto de energia foi gasto exclusivamente para a construção das mesas e cadeiras, será necessário, ainda, ratear esse valor total encontrado unitariamente aos produtos, utilizando-se para isso, alguma base lógica para essa divisão. Se, por exemplo, a conta de energia elétrica somou no mês R\$ 2.000,00, e a contabilidade conseguiu, por meio de instrumentos de medição e técnicas de controle de consumo, chegar a conclusão de que 80% dessa energia foi gasta na produção, como saber quanto cada mesa ou cadeira consumiu efetivamente para o valor desse custo? Um profissional pode, por exemplo, dividir esse valor de R\$ 1.600,00 igualmente aos produtos. Um outro profissional, porém, pode entender que as mesas, por serem maiores e demandarem mais tempo na construção, devem carregar custos em maior proporção do que as cadeiras. Fica claro, portanto, que seja no cálculo de apuração do custo de energia elétrica (quanto é relativo especificamente à produção?), seja nos critérios de rateio (qual o custo de energia de cada mesa ou cadeira?), entram aspectos subjetivos e são necessárias decisões pessoais do profissional. Nesse caso, tão importante quanto identificar os critérios de rateio é saber as implicações que determinada escolha pode trazer ao custo do produto, ao preço de venda e, até na dinâmica de produção da empresa.

KOLIVER (1999) questiona o enfoque tradicional dos cursos na área contábil e relata que a grande maioria “peca por restringir, com grande frequência, os estudos contábeis a um elenco de procedimentos aplicados, com prejuízo de uma visão ampla da contabilidade”¹⁰.

Ensinar corretamente os cálculos, o método de registro e os critérios de controle, a fim de que haja condições de elaboração de demonstrativos contábeis e financeiros consistentes e dentro dos padrões de qualidade exigidos, é, sem sombra de dúvidas, fundamental. Porém, o ensino da contabilidade deve avançar para além dos registros, somas, sub-

● ● ●

*há que se evitar
conceder excessiva
importância às contas
e aos cálculos sem
vinculá-los às
necessidades das
organizações e dos
anseios daqueles que
de alguma maneira
irão se utilizar
daquelas informações
para uma tomada de
decisão.*

trações e cálculos percentuais. Esse não pode ser o limite final do curso, pois não se trata apenas de números, equações e dados estatísticos. A contabilidade, como ciência social que é, deve merecer um enfoque diferente. Os números são importantes, mas os valores envolvidos nas decisões também o são. É importante que os cursos não caiam na armadilha de se apresentar um emaranhado de números sem que se criem condições para que os alunos possam entender o porquê dos cálculos e que tipo de informação pode ser obtida em cada fórmula ou somatório de valores. Em outras palavras, há que se evitar conceder excessiva importância às contas e aos cálculos sem vinculá-los às necessidades das organizações e dos anseios daqueles que de alguma maneira irão se utilizar daquelas informações para uma tomada de decisão.

2. A INFLUÊNCIA DOS EVENTOS SOCIAIS NO ENSINO DA CONTABILIDADE NO BRASIL

Não é sem razão que existe certa dificuldade de entendimento dos reais objetivos da contabilidade e das confusões que muitas vezes as pessoas têm pelo fato de vincularem a ciência contábil exclusivamente a números. Afinal de contas, para se chegar a um resultado contábil, há que se fazer contas. No entanto, números sem significados e sem explicações são apenas números.

A contabilidade, desde os tempos mais antigos, esteve associada à matemática. Isso é um fato. O início de seu período científico, por exemplo, está relacionado à publicação, em 1494, da obra *Suma de Arithmetica Geometria et Proportionalitá*, escrita por um frade italiano chamado Luca Paccioli¹¹, que era professor de matemática.

A obra de Paccioli era, na verdade, um tratado matemático que inclusive continha tábuas de multiplicação até 60 X 60, recurso muito útil na época. A contribuição contábil desse livro foi a apresentação de um método de controle denominado de "partidas dobradas". Muito embora ele não tenha sido o real criador do método, foi o primeiro a expô-lo de forma didática e com tratamento bastante extensivo, após muita pesquisa junto aos comerciantes da época. Muitos dos princípios contábeis apresentados nesse livro são utilizados, sem alteração, até os dias de hoje.

Geograficamente, Portugal é um país vizinho da Itália. Essa proximidade, além de outros aspectos de ordem política, facilitou a importação e utilização desses métodos de controle pelos portugueses que foram largamente utilizados para controlar a entrada e saída dos produtos de sua principal colônia, o Brasil. Nosso país, por sua vez, herdou diretamente dos portugueses esses mecanismos de controle e os conhecimentos contábeis.

O fato é que a contabilidade, historicamente, nunca foi valorizada no Brasil. A preocupação com o controle nunca teve uma preocupação forte em nosso país, seja no âmbito organizacional ou

pessoal. O planejamento orçamentário e o controle das contas jamais foram tratados como prioridade. Retrata-se aí uma questão cultural. Possivelmente a fartura de riquezas naturais, aliada à nossa vasta extensão territorial e clima tropical, faziam com que não tivéssemos tanto trabalho para a produção. "*Nesta terra, em se plantando tudo dá*", já escrevia Pero Vaz de Caminha, escrivão da frota de Pedro Álvares Cabral em carta ao Rei de Portugal, Dom Manuel.

Além disso, Portugal nunca teve tradição contábil, e sua preocupação inicial no Brasil era tão somente de cunho explorativo, o que acarretava uma preocupação excessiva com aumento dos lucros nas remessas de produtos e pouca alusão a mecanismos de planejamento e controle permanentes e efetivos. Mesmo depois da independência, a fartura de água, de alimentos, de florestas etc. não nos trouxe grandes preocupações com o controle. Por essa razão, verifica-se no país um enorme desperdício não só de recursos naturais, mas também de recursos econômicos. Gasta-se mais do que se arrecada, injetam-se grande soma de valores em obras que, muitas vezes, não chegam a ser concluídas. Não há, enfim, uma disciplina de acompanhamento do desenvolvimento dos gastos, e isso estende-se para além das organizações, alcançando até os níveis familiar e pessoal. Logicamente que essas questões influenciaram fortemente na redução do avanço da ciência contábil em nosso país.

No entanto, não se pode mais negligenciar a falta que a contabilização dos recursos, seja no âmbito público ou privado, faz para um melhor desenvolvimento estrutural e econômico do país. Não se pode mais conceber nem o desperdício de água e de alimentos nem o de gastos financeiros. Tais questões precisam estar presentes nos cursos da área contábil. É preciso reconhecê-la como ciência social que é. É fundamental o entendimento por parte dos alunos da importância social da contabilidade no auxílio à resolução desses problemas. Dito de outra maneira, não basta fazer contas e encontrar valores, é preciso analisar a aplicação dos recursos, planejar as operações (a fim de se prevenir situações

indesejáveis que trazem enormes prejuízos), averiguar os instrumentos de medição, acompanhar a legislação e evidenciar claramente os resultados apurados para que todos possam vê-la e entendê-la.

Com respeito a legislação, é preciso salientar que nosso país possui uma forte estrutura legal. Essa é também uma herança européia que afeta profundamente a ciência contábil em nosso país. Não é uma exclusividade, visto que praticamente todos os países latino-americanos apresentam tal característica. Ao apontá-la, não se quer, de forma alguma,



Se o controle não é efetivo, não há como se realizar planejamentos eficazes, e esse descompasso desorganiza o desenvolvimento de qualquer ação. A contabilidade pode efetivamente auxiliar na resolução desse problema que afeta individualmente o cidadão, a coletividade, as organizações e, em última instância, o país.



fazer qualquer juízo de valor. Pretende-se apenas mostrar fatos.

Segundo LOPES e MARTINS (2005), historicamente é possível reconhecer duas grandes tradições do direito: o chamado direito romano, que é o regime adotado no Brasil, e o direito consuetudinário. Como afirmam esses autores, “*no direito romano, as normas emanam do texto legal, isto é, para que algo tenha valor é necessário que haja uma menção clara e específica na lei*”¹². O direito consuetudinário, por sua vez, tem nos costumes e tradições as origens de sua regulamentação.

Essa tradição legal logicamente interfere na prática contábil, visto que há leis regulando quase tudo neste país e muitas delas certamente afetam a Ciência Contábil. O que falta, muitas vezes, é um acompanhamento eficaz a fim de se garantir o fiel cumprimento das leis. Essa situação estende-se para o ambiente organizacional, chegando inclusive aos indivíduos. Falta rigor nos controles. Se o controle não é efetivo, não há como se realizar planejamentos eficazes, e esse descompasso desorganiza o desenvolvimento de qualquer ação. A contabilidade pode efetivamente auxiliar na resolução desse problema que afeta individualmente o cidadão, a coletividade, as organizações e, em última instância, o país. O currículo dos cursos precisa preconizar os aspectos sociais, econômicos e políticos que interferem no desenvolvimento da contabilidade. Eles não só explicam as razões que levam os profissionais a realizarem algumas escolhas, mas também apresentam a necessidade de interligação dos conhecimentos contábeis com outras áreas do conhecimento. Como afirma LAFIN (2005), “*é preciso promover ações no ensino da contabilidade que busquem superar a dicotomia entre teoria e prática e que configurem a graduação como o lugar de referência da produção e da pesquisa*”¹³.

Não é difícil identificar, pelas razões apresentadas anteriormente, que a educação contábil no Brasil sofreu forte influência italiana. No entanto, a partir da década de sessenta, houve uma mudança de orientação didática no ensino da contabilidade decorrente da introdução de novos métodos. SCHMIDT (2002) afir-

ma que “*a partir dessa mudança de orientação didática, a influência dos autores italianos e das escolas de pensamento italianas foi sendo substituída pelos autores norte-americanos*”¹⁴.

Tal fato ocorreu por conta da necessidade de se rever e repensar o ensino da contabilidade naquela época em função dos avanços econômicos e sociais de então. Tal situação repete-se agora. Com um mundo tecnologicamente avançado e muito mais globalizado, há que se ajustar o ensino contábil para atender as novas demandas. É preciso, mais uma vez, repensá-lo. O que fazer então para ajustar esse foco e ampliar a visão da contabilidade, principalmente para seus novos aprendizes?

3. AJUSTAR O FOCO – UMA NOVA ANTIGA VISÃO CONTÁBIL

Alterar o foco dos cursos de ciências contábeis não é algo tão simples quanto possa parecer. É o que afirmam INGRAM e HOWARD (1998)¹⁵, que alertam que uma mudança de objetivos irá requerer, por exemplo, que os critérios de avaliação sejam revistos, adequando-os para que sirvam de auxílio ao alcance desses novos objetivos. Afinal, o mais importante não é o aluno encontrar o resultado que está no gabarito do exercício, mas compreender os procedimentos realizados e os caminhos percorridos para se alcançar determinado resultado final. Esses estudiosos lembram, ainda, que as instituições apresentam estruturas e culturas diferentes, havendo, por exemplo, aquelas que entendem que o objetivo principal do curso é apresentar aos alunos as bases conceituais da contabilidade, enquanto outras consideram mais importante enfatizar questões comportamentais. Outras, ainda, podem entender que o objetivo essencial do curso é transmitir aos alunos aquelas competências que lhes possibilitem ter autonomia para gerenciar suas vidas profissionais. Tais mudanças seriam, portanto, bastante complexas, nunca uniformes, variando, inclusive, por questões ideológicas.

Seja como for, o estabelecimento de objetivos educacionais abrangentes e con-



A contabilidade e sua razão de ser jamais mudaram. Houve apenas um aumento da quantidade e da complexidade das operações e uma enorme diversificação de variáveis que interferem na conclusão de seus objetivos.

sistentes e um desenvolvimento curricular que concorra para esses objetivos devem ser priorizados como meta. Isso deve ser feito independentemente dessas questões culturais e estruturais abordadas anteriormente. É importante salientar, ainda, que algumas das competências dos profissionais da área contábil são inerentes a sua função e ao seu papel na sociedade. Representam, portanto, a síntese de sua atuação. Não podem variar em função de aspectos culturais, estruturais ou a partir de ênfases educativas, mas são condições inequívocas de reconhecimento profissional, e sem elas não se poderá exercer a profissão com dignidade.

É claro que os cursos de contabilidade precisam garantir que os alunos compreendam profundamente a dinâmica contábil, conheçam o embasamento teórico que as fundamenta, apliquem corretamente os métodos, processos e critérios aceitos como essenciais à garantia de credibilidade e consistência das informações, reconheçam a importância dos mecanismos de apuração e controle, e mensurem esses dados com perspicácia, evidenciando-os em demonstrativos e rela-

tórios. No entanto, tais conhecimentos não existem por si só. Precisam estar harmonizados com outras questões e decisões fora do âmbito estritamente contábil.

No ensino da contabilidade, é preciso avançar para além das fronteiras contábeis, mas sem perder a gênese de sua constituição, a razão de seu surgimento, o motivo pelo qual ela se perpetuou por todos esses anos, desde as antigas civilizações até as sociedades atuais. A contabilidade e sua razão de ser jamais mudaram. Houve apenas um aumento da quantidade e da complexidade das operações e uma enorme diversificação de variáveis que interferem na conclusão de seus objetivos.

Nesse sentido, uma questão inicial que se deve fazer é tentar responder a uma pergunta simples e básica: O que é contabilidade?

Parece-nos fundamental discutir esse ponto porque entendemos que, muitas vezes, não se configuram de modo claro para a sociedade a verdadeira importância e o significado da contabilidade. Essa falta de nitidez traz reflexos não só para a imagem da profissão, mas também - e principalmente - para o próprio processo de ensino e aprendizagem contábil. Afinal de contas, o que a contabilidade representa? Para que ela serve? Quais são seus limites e por que ela é necessária? Dificilmente alguém que não tenha respostas devidamente claras para estas questões irá se interessar em ingressar em estudos nessa área. Além disso, se os pais desses futuros trabalhadores não enxergarem sua importância, não imprimirão esforços de convencimento ou de orientação aos seus filhos nesse sentido, visto não vislumbrarem na área algo realmente valioso.

A fim de tentar elucidar esses pontos, salientamos, inicialmente, que a contabilidade é uma ciência que tem objeto próprio: o patrimônio.

Cabe à contabilidade, portanto, organizar e controlar dados e informações sobre esse patrimônio. Em tempos antigos, o foco residia nas pessoas físicas, pois eram elas que possuíam riquezas que necessitavam de controles. Ainda não existiam organizações empresariais tais como concebidas hoje. Com o passar do tempo, porém, e com os avanços nas áreas de administração e da tecnologia da informação, a ênfase patrimonial recaiu sobre as pessoas jurídicas, muito embora, ainda nos dias de hoje, seja necessário para qualquer pessoa física fazer uso de conceitos e princípios contábeis para fins de planejamento e controle pessoal de suas finanças e de seu patrimônio particular. Esse patrimônio, que é o objeto de estudo da contabilidade, é composto de bens, compreendendo tudo aquilo que a empresa possui, ou seja, veículos, móveis, máquinas etc., direitos, representando valores a receber de outros e obrigações, significando valores a pagar a outros. A contabilidade então incumbe-se de organizar, registrar e controlar todas as variações que ocorrem nesse patrimônio, e esse acompanhamento é feito com um objetivo muito claro: auxiliar com informações e valores todas as pessoas que queiram conhecer, por alguma razão, os resultados alcançados por determinada empresa.



Essas pessoas que se interessam pelas informações contábeis são denominadas, em geral, de usuários da contabilidade, e podem representar tanto pessoas físicas quanto jurídicas.

Os usuários da contabilidade são muitos e podem ter necessidades diferenciadas. Esse ponto é importante, pois pressupõe que nem todos os usuários podem estar em busca das mesmas informações. Tal afirmação carrega consigo ainda uma outra pressuposição: a de que mesmo que essa convergência aconteça, ou seja, ocorra a busca de uma mesma informação por dois usuários diferentes e distintos, em função da necessidade de cada um, tal informação poderia ser analisada sob óticas diferentes. Para entender melhor essa discussão, e por uma questão didática, vamos segmentar esses usuários em duas grandes categorias: usuários internos e externos.

Alguns usuários internos, por exemplo, diretores e gerentes das empresas, logicamente demandam informações contábeis gerais para gerirem o negócio. No entanto, para eles pode interessar prioritariamente conferir, pelos resultados da contabilidade, se as metas traçadas e estabelecidas pela direção geral da empresa no início do período foram ou não alcançadas. Os demais funcionários da empresa, também usuários internos, podem, por sua vez, estar mais interessados nos benefícios indiretos e na melhoria das condições de trabalho. Saber o valor do montante reservado pela empresa para o benefício social dos empre-

gados e de seus dependentes, bem como os eventuais planos de ampliação desses benefícios é, certamente, uma informação muito mais importante para eles do que o cumprimento do plano de metas.

Como havíamos afirmado anteriormente, essa segmentação está apresentada no intuito de fortalecer a idéia de necessidades diversas de informações contábeis pelos vários usuários. De forma alguma quer se dizer que elas sejam excludentes entre si. É claro que nenhum trabalhador, seja ele do corpo diretivo ou não, ficaria tranqüilo se a empresa não apresentasse estabilidade financeira que lhes garantisse alguma segurança. No entanto, existe uma busca maior por parte de algumas informações em detrimento de outras. Os acionistas e investidores, por exemplo, podem estar muito mais interessados no critério de distribuição dos lucros adotado pela empresa. Em relação aos usuários externos também existe essa dicotomia, pois enquanto o governo avalia prioritariamente informações da contabilidade relativas ao montante de tributos recolhidos, as empresas fornecedoras de materiais e insumos podem estar mais interessadas nas informações relativas aos volumes de vendas, cômicos de que quanto maiores forem as vendas daquela empresa, maiores serão as quantidades de materiais que ela precisará encomendar. Por tabela esses fornecedores também lucrariam. Já para as instituições financeiras, o foco se direciona para as

condições de garantia de pagamento de dívidas assumidas. Em outras palavras, só se emprega recursos se houver garantias reais de que a empresa tem patrimônio suficiente para saldar as dívidas assumidas. A própria sociedade, em última instância, é também usuária das informações contábeis, pois através desses demonstrativos pode averiguar, por exemplo, se a empresa

O objetivo da contabilidade é, portanto, ajudar essas pessoas, em sua diversidade, com informações, dados e valores que as auxiliem a tomar decisões acertadas e com menores riscos.

está destinando recursos para programas de preservação ambiental ou se está envolvida na defesa de causas sociais. Na esfera pública, a sociedade pode também acompanhar o desenvolvimento dos gastos e avaliar se a distribuição dos recursos foi realizada dentro dos limites orçamentários previstos. É possível demonstrar o montante de recursos destinados à educação, saúde, saneamento básico, cultura, segurança pública e outras prioridades que as cidades precisam estabelecer. Sendo assim, pode-se verificar que as informações apuradas pela contabilidade são vistas por muitas pessoas e que estas podem ter necessidades diferentes.

O objetivo da contabilidade é, portanto, ajudar essas pessoas, em sua diversidade, com informações, dados e valores que as auxiliem a tomar decisões acertadas e com menores riscos. Para que esse auxílio seja efetivo, tão importante quanto fazer os cálculos, elaborar demonstrativos e apurar o resultado operacional dentro dos padrões, normas e princípios fundamentais, é ter condições de explicar didaticamente com exemplos,



orientações e argumentos consistentes o que está por detrás dos frios números dos relatórios. O que realmente esses dados querem dizer?

Os alunos dos cursos de contabilidade devem aprender a realizar os cálculos e elaborar os relatórios e demonstrativos com alto padrão de qualidade, em rígida obediência aos princípios e normas contábeis e sob os limites legais, como exige a ética profissional. Porém, os cursos devem evidenciar também habilidades comunicativas orais e escritas, além das capacidades de argumentação e de persuasão, porque são eles, os contadores, que terão que explicar para as pessoas – os usuários – o que os números significam e, se alguma discordância ainda houver quanto à análise realizada, provavelmente serão necessários argumentos contundentes e balizados que sejam efetivos tanto na defesa de uma idéia quanto no convencimento para uma tomada de decisão. Esse é o cenário de atuação do profissional contábil e o grande desafio, é trazer essa realidade para os cursos de contabilidade.

4. A IMPORTÂNCIA DO PERFIL PROFISSIONAL

Não se pode pensar num curso de contabilidade de qualidade e que efetivamente garanta condições de um bom desempenho profissional aos novos postulantes ao cargo se não se tem claro o perfil profissional atual.

Inicialmente, o curso deve logo corrigir a má concepção que muitos estudantes têm de que o contabilista de hoje é o mesmo de tempos atrás. Não existem mais guarda-livros. Há cerca de dez anos, SAUDAGARAN (1996)¹⁶ já se preocupava com o foco dos cursos de Ciências Contábeis. Esse autor já naquela época defendia que o objetivo maior de um curso na área contábil seria formar profissionais com uma ampla visão contábil, muito além daquela estreita perspectiva de escrituração – com ênfase no débito e crédito e no ativo e passivo – oferecida ainda em muitas instituições. A razão para isso é muito simples: se o mundo de hoje é completamente dife-

● ● ●

os cursos devem evidenciar também habilidades comunicativas orais e escritas, além das capacidades de argumentação e de persuasão, porque são eles, os contadores, que terão que explicar para as pessoas – os usuários – o que os números significam

● ● ●

rente daquele de tempos atrás, não há como conceber um curso que ainda mantenha intacta a mesma concepção, características e objetivos do passado. É imperativo, portanto, delinear de forma nítida o perfil profissional do contador que se espera qualificar no curso, identificando claramente as competências necessárias para essa concretização. Esse é um passo fundamental no intuito de possibilitar a inserção no mercado de profissionais realmente qualificados e que efetivamente atendam as necessidades atuais do mundo do trabalho. Isso é o que também defende CAMARGO (1999), quando diz: “*há que se conhecer plenamente a área de atuação profissional do contador, a fim de que se tenha conhecimento do que este irá precisar em conhecimentos para poder, honestamente, desempenhar sua missão*”¹⁷. FERREIRA (1992) segue a mesma linha de raciocínio: “*analisar o ensino*

da contabilidade merece, antes, analisar-se o ambiente em que a profissão está inserida”¹⁸.

Em linhas gerais e com base no cenário atual, um curso de contabilidade deve enfatizar, além dos aspectos estritamente contábeis (teoria, princípios, formas e métodos de registro, relatórios, demonstrativos etc.), pontos fundamentais como: o papel da contabilidade no sistema econômico como um todo, a interação da contabilidade na política, na economia e nos ambientes empresariais, o processo de estabelecimento de estratégias, padrões e tomadas de decisão na contabilidade que afetam o desenvolvimento das organizações, além de discutir suas dimensões agora internacionais. Preocupações mais recentes, como as relativas ao meio ambiente, por exemplo, também fazem parte do campo de atuação da contabilidade e não podem deixar de ser referenciadas. Qual a ajuda que a contabilidade pode dar para responder a todas essas questões?

Como se observa, o perfil do profissional contábil mudou drasticamente. Na verdade, ele acompanhou o ritmo das alterações econômicas, sociais e políticas no mundo. Imagina-se que, em breve, haja um padrão contábil internacional, ou seja, critérios homogêneos em todos os países. Já existem organismos internacionais discutindo a questão e emitindo pronunciamentos. Esse tema precisa estar também presente no currículo dos cursos de ciências contábeis. Além desses pontos, é fundamental também que os programas dos cursos abordem extensivamente, um tema que por vezes é esquecido: as limitações da informação contábil.

5. OS LIMITES DAS INFORMAÇÕES CONTÁBEIS

Certos valores ou benefícios, embora muito importantes para uma empresa, não podem ser reduzidos a um número, um valor ou índice financeiro. A contabilidade oferece, na verdade, um sistema de informações amplo e abrangente, presente em todas as organizações, passível de comparação, visto que segue princípios fundamentais, normas orientadoras e padrões aceitos universal-

mente. Porém, ela não pode e jamais conseguirá resolver todos os problemas. Existem várias questões que não passam por qualquer sistema de informação, embora sejam importantes do ponto de vista da cultura da organização, de sua capacidade intelectual e da aprendizagem organizacional.

Nem tudo pode ser traduzido em números. Valores são subjetivos e, portanto, não podem ser mensurados com exatidão. Sendo assim, é importante afirmar que as informações contábeis devem ajudar as pessoas a tomarem decisões, mas de forma alguma representam com exatidão o retrato de uma realidade presente ou futura. Em outras palavras, há que se demarcar fronteiras entre os números apurados nos resultados ou levantados nas projeções com outras variáveis não controláveis. As informações contábeis representam uma referência, um ponto de apoio, mas a dinâmica do mundo é rápida e, na maioria das vezes, surpreendente. Além disso, a subjetividade das escolhas e decisões dos diversos usuários carregam consigo desejos e ideologias, além de diferenciados graus de importância sobre determinada informação. Aspectos intuitivos também não podem ser expressos em números. Projeções são estimativas. Elas podem não vir a se concretizar. No entanto, a informação contábil tende a minimizar riscos.

Muitas vezes, em função das inúmeras fraudes e desvios ocorridos em empresas e organizações públicas, as pessoas tendem a questionar a eficiência da contabilidade no acompanhamento das ações organizacionais. Como já foi dito neste trabalho, a contabilidade realmente é incapaz de resolver todos os problemas de controle das ações no ambiente empresarial. Porém, é importante diferenciar limitações da contabilidade com o uso indevido dos controles e manuseio fraudulento das informações. Grande parte das fraudes e falhas de controle não resulta de problemas vinculados à contabilidade propriamente dita enquanto sistema de informações, mas da utilização inadequada e indevida de alguns de seus mecanismos. Um bom profissional reconhece os limites da contabilidade



*dentre os vários
atributos inerentes ao
contador, a ética
profissional seria o
valor mais importante
para incrementar o
aumento da eficácia
da atuação
profissional e para
garantir o
reconhecimento da
importância da
ciência contábil junto
à sociedade.*



de e sabe detectar tais fronteiras. É preciso que as pessoas de fora também entendam essa diferença. Como elas irão saber se não lhes for dito?

Discutir as limitações da ciência contábil é fundamental e deve ser uma prioridade nos cursos de contabilidade. Debater também os danos que o uso indevido dos instrumentos de controle desse sistema podem causar às organizações, aos usuários e à sociedade de modo geral é também igualmente relevante. Isso diz respeito à imagem da profissão e à auto-estima do profissional. É preciso incutir nos alunos que os aspectos técnicos são importantes, mas não menos do que a postura profissional. Na verdade, elas são indissociáveis. A capacidade de comunicação que se exige nos cursos é, inclusive, para garantir aos alunos a coerência profissional e a iniciativa para se insurgir contra eventuais afirmações que erroneamente forem veiculadas na mídia ou ditas sobre a ineficiência da contabilidade em certas situações, quando, na verdade, isso não representar uma real falha no sistema. É preciso mostrar e comunicar às pessoas, pelos meios e modos possíveis, a diferença entre limitação contábil e uso indevido das informações contábeis.

A contabilidade, como ciência social que é, precisa ser identificada e conhecida por sua utilidade, e não pelo fato de estar constantemente associada a eventos negativos, seja pela negligência nos controles, por falha nos procedimentos de auditoria ou pela manipulação de dados e informações. Tais fatos denigrem a imagem do contador mesmo que, muitas vezes, ele não tenha qualquer participação ou envolvimento na situação. No final o que fica é a desconfiança. O resgate da ética profissional e a reconquista definitiva de credibilidade junto à sociedade só serão alcançados através da educação, pois “a melhoria do conceito e a conseqüente valorização profissional do contabilista estão na dependência de sua boa formação cultural e técnica, que deve constituir o principal objetivo da classe contábil” (FRANCO, 1997)¹⁹. A abordagem do tema é, portanto, de inegável relevância, e objetiva também visualizar um novo cenário da profissão, em que a responsabilidade social e a

importância educacional estejam firmemente inseridas.

Essa necessidade já é sentida há algum tempo pelos profissionais da área. Uma pesquisa realizada no município do Rio de Janeiro (COELHO, 2000)²⁰ junto a 136 profissionais contábeis atuantes em empresas comerciais, industriais e de serviços comprova essa tese. Na opinião dos entrevistados, dentre os vários atributos inerentes ao contador, a ética profissional seria o valor mais importante para incrementar o aumento da eficácia da atuação profissional e para garantir o reconhecimento da importância da ciência contábil junto à sociedade. A valorização da profissão só é possível com a melhoria dos programas de contabilidade em todos os níveis. Há que se mudar a cultura, redimensionar o perfil dos profissionais e inserir no curso a utilização de recursos tecnológicos em benefício da aprendizagem. Discutiremos esse último tema a partir de agora.

6. A TECNOLOGIA A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO CONTÁBIL

No mundo globalizado de hoje, não é possível a atuação de uma empresa sem que haja movimentação de recursos através de um sistema financeiro, que cobra valores por esse serviço em troca de facilidades que só o desenvolvimento da tecnologia pode trazer.

O volume de registros e operações, aliado a necessidade de informações imediatas exige, cada vez mais, uma imersão nos meandros tecnológicos e computacionais. Esse é um caminho sem volta. Os controles contábeis hoje atuam dentro de sistemas integrados que são atualizados com efetiva constância. Essas atualizações são necessárias em função da própria dinâmica do mundo moderno. Esse é o ambiente de trabalho do profissional de contabilidade. Da mesma forma que não se pode imaginar um escritório contábil ou um departamento de contabilidade de uma empresa sem computadores com acesso à internet e sem a devida integração a toda essa realidade virtual, não se

poderia conceber, de forma análoga, um curso de Ciências Contábeis em que alunos e professores não tivessem a sua disposição recursos que procurassem retratar, tanto quanto possível, esse ambiente profissional. Qual é o limite no qual a ausência do uso dos recursos tecnológicos no curso pode prejudicar o processo de ensino e aprendizagem da contabilidade e implicar na perda de qualidade desse curso?

Nos aspectos pedagógicos e metodológicos, poder-se-ia questionar, ainda, se é possível trabalhar todo o programa somente com aulas expositivas e com muita escrita no caderno, sem ao menos apresentar um mínimo de proximidade com os recursos tecnológicos presentes no ambiente dos negócios. A tecnologia pode (e deve) otimizar o tempo de aula. Por que continuar a ditar exercícios ou mesmo copiá-los no quadro se há recursos que podem substituir essa prática? Sempre que for possível, por que não utilizá-los? Os recursos tecnológicos podem ser um instrumento facilitador também na concepção de metodologias ativas que requeiram a participação dos alunos de uma forma mais efetiva.

A busca pela informação, através da pesquisa, deve ser estimulada. No ambiente empresarial onde o aluno irá atuar, a informação terá que ser procurada, investigada e analisada de forma consistente a fim de se tomar as decisões pautadas em argumentações e avaliações fundamentadas. Nada lhe virá a mão de pronto. A capacidade de abstração e análise deve ser enfatizada nos cursos, porque são requisitos profissionais fundamentais nos dias de hoje. Nesse sentido, é importante conciliar o uso dos recursos tecnológicos à adoção de um modelo pedagógico que tenha como objetivo principal fazer com que os graduados em contabilidade adquiram no curso “*competências que se igualem às exigidas por aqueles que irão empregá-los*” (PRATT; FREDERICKSON 1995)²¹. A tecnologia pode e deve ser utilizada nos cursos de



ciências contábeis, tanto do ponto de vista da otimização do tempo de aula quanto na perspectiva de proximidade da prática profissional. Ela precisa estar presente nos cursos de contabilidade pelo simples fato de que a tecnologia faz parte de nossa vida.

A educação a distância aliada à tecnologia mostra-se um caminho rico para a exploração educacional na área contábil, e pode, ao mesmo tempo, facilitar o incremento dos programas de contabilidade e orientar os alunos a vislumbrarem com mais clareza uma necessidade que certamente terão: de educação continuada.

7. CONCLUSÃO

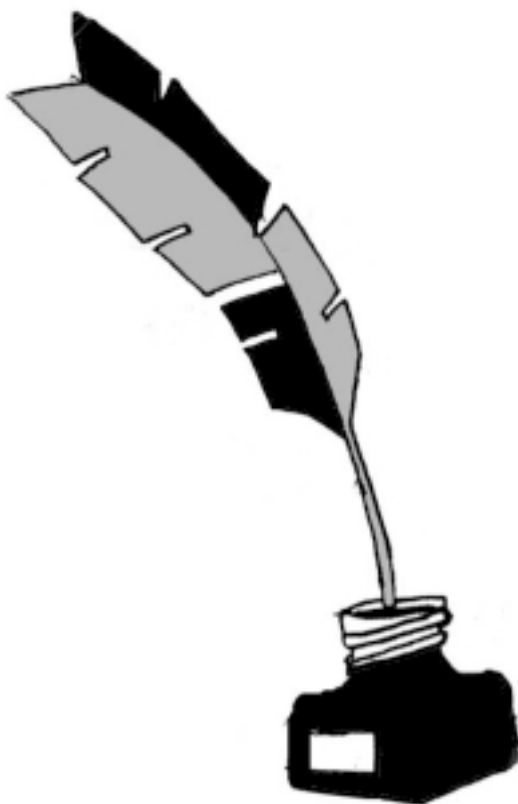
Refletir sobre o ensino da contabilidade é fundamental para o crescimento da ciência contábil em nosso país. Esse crescimento não deve se pautar apenas no aumento do número de profissionais no mercado, mas também na qualidade dos serviços que a contabilidade pode e deve prestar à sociedade. Não há melhor maneira de se mudar o contexto contábil atual do que por meio da educação.

A dinâmica do mundo, a internacionalização dos mercados, a concorrência e

muitas outras questões exigem nova postura profissional e, portanto, requerem mudanças consistentes e significativas no ensino, a fim de permitir aos alunos a aquisição de competências que realmente lhes dêem condições para uma atuação eficaz diante desse cenário. Reconhecer a contabilidade como ciência social, cujo objetivo essencial é ajudar pessoas, deve ser algo lembrado continuamente pelo corpo docente a fim de que o ensino não fique descontextualizado e para que os procedimentos metodológicos ao longo do curso concorram para o atendimento desse objetivo. Para tanto, há que se mudar aspectos culturais e comportamentais arraigados em nosso contexto social e que muitas vezes emperram e dificultam o desenvolvimento da contabilidade em nosso país. O objeto de estudo da contabilidade continua sendo o patrimônio, e seu objetivo principal é de caráter social, pois visa auxiliar o ser humano em necessidades específicas. As organizações, sejam elas públicas ou privadas, representam o ambiente de atuação da ciência contábil. Elas, porém, são compostas por pessoas que necessitarão, em maior ou menor grau e em situações diversas e distintas, de informações fornecidas pela contabilidade para decidir-se por um caminho e agirem de acordo com aquilo que elas almejam ou esperam. O ensino da contabilidade, portanto, deve trabalhar em harmonia números, cálculos e contas, valores, posturas e procedimentos. Em outras palavras, deve equilibrar aspectos quantitativos e qualitativos. Um debate permanente sobre o que é efetivamente importante no ensino da contabilidade e quais devem ser os objetivos principais do curso sentam-se como questões fundamentais para um eficiente desenho curricular que concorra para o atendimento dessas necessidades. O perfil profissional da área contábil é muito diferente de outras épocas. No entanto, há que se diferenciá-lo ainda mais, a educação pode tornar isso po-

• • •

O ensino da contabilidade, portanto, deve trabalhar em harmonia números, cálculos e contas, com valores, posturas e procedimentos. Em outras palavras, deve equilibrar aspectos quantitativos e qualitativos.



É certo que o desenvolvimento da contabilidade no país não está atrelado somente aos aspectos contábeis, mas está vinculado também a melhoria da qualidade de vida das pessoas, a organização econômica do país e ao reconhecimento social da necessidade de planejamentos e controles efetivos para uma vida coletiva melhor. Contabilizar é importante porque gera informações cujo conhecimento prévio pode nos alertar para uma situação ou mesmo nos ensinar sobre alguns fatos importantes. Sem informação não se tem visão clara do que está pela frente. Com informação pode-se prevenir muitos problemas. A tecnologia e os benefícios que ela produz devem ser aproveitados nos programas de contabilidade, seja por questões didáticas, metodológicas e de otimização do tempo de aula, seja por evidenciar, ainda que de maneira parcial, o ambiente de atuação profissional. Por fim, o debate educacional é sempre instigador e tem o dom de renovar esperanças e expectativas de crescimento pessoal e coletivo em todos os aspectos. Como afirma LAFFIN (2005), “*uma educação de qualidade pressupõe ser construtiva e participativa, deixando o aluno, tanto quanto professor, de serem um objeto de manifestação da aprendizagem para ser participante do processo de construção do conhecimento*”²².

SITES:

<http://www.portalm medico.org.br/estatisticas/estatisticas.asp?portal=> Acesso em 04 de janeiro de 2007 – 9h50

<http://www.oab.org.br/relatorioAdvOAB.asp> Acesso em 04 de janeiro de 2007 – 9h55

<http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/carta.html> Acesso em 05 de janeiro de 2007 – 10h

NOTAS:

¹Apud. PELEIAS, Ivam Ricardo; BACCI, João. Pequena cronologia do desenvolvimento contábil no Brasil: os primeiros pensadores, a padronização contábil e os congressos brasileiros de

- contabilidade. **Revista Administração on line**, FECAP, v. 5, n.3, p. 39-54, jul./ago./set. 2004. Disponível em: <http://www.fecap.br/adm_online/art0503/art5034.pdf.> Acesso em: 20. dez. 2007. Esse Decreto Imperial n. 4.475 de 18 de fevereiro de 1870, reconheceu oficialmente a Associação dos Guardas-Livros da Corte, tornando o guarda-livros uma das primeiras profissões liberais regulamentada no Brasil.
- ² RODRIGUES, Alberto Almada. A importância do professor no ensino e a educação contábil. **Revista do CRCRS**, Porto Alegre, v. 17, n. 51, p. 39-44, 1988. p. 42.
- ³ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep 2006). No cadastro de instituições do ensino superior encontram-se 947 cursos de Ciências Contábeis, Disponível em: <http://www.educacaosuperior.inep.gov.br> Acesso em: 28 dez. 2006.
- ⁴ Conselho Federal de Contabilidade (CFC) Disponível em: <http://www.cfc.org.br/conteudo.aspx?codMenu=64> Acesso em: 04, jan. 2007
- ⁵ DEFFUNE, Deisi; DEPRESBITERIS, Léa. **Competências, habilidades e currículos de educação profissional – crônicas e reflexões**. São Paulo: Editora Senac/SP, 2000. p. 32.
- ⁶ NEGRA, Carlos Alberto Serra. Metodologia para o ensino contábil: o uso de artigos técnicos. **Contabilidade Vista e Revista**, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 13-17, mar., 1999. p. 22.
- ⁷ ENRIQUEZ, Eugène. Os desafios éticos nas organizações modernas. **Revista de Administração de Empresas – RAE**, São Paulo, v.37, n.2, p.6-17, abr./jun., 1997. p. 37.
- ⁸ SILVA, Tânia Moura da Tânia Moura da; SILVA, Sélia Gräbner da. Ciência Contábil: a necessidade de mercado. **Revista CRCRS**, Porto Alegre, v. 25, n. 85, p. 19-25, abr./jun., 1996. p. 23.
- ⁹ CAMARGO, Ynel Alves de. O ensino da contabilidade e o futuro da profissão. **Revista CRCRS**, Porto Alegre, v. 20, n. 66, p. 39-46, 1991.
- ¹⁰ KOLIVER, Olivio. A educação contábil no Brasil: Panorama, desafios e desenvolvimentos futuros. **Revista Brasileira de Contabilidade**, Brasília, v. 26, n. 108, p. 18-21, 1998. p. 27.
- ¹¹ PACCIOLI, Luca. Suma de Arithmetica Geometria et Proportionalitá. **Apud**. VALLE, Francisco; ALOE, Armando. Frá Luca Pacioli e seu tratado de escrituração de contas. São Paulo: Atlas, 1966. 198 p.
- ¹² LOPES, Alexandre Broedel & MARTINS, Eliseu. **Teoria da contabilidade** – uma nova abordagem. São Paulo: Atlas, 2005. p. 52.
- ¹³ LAFFIN, Marcos. **De contador a professor**: a trajetória da docência no ensino superior de contabilidade. Florianópolis: Imprensa Universitária, 2005. p. 171.
- ¹⁴ SCHMIDT, Paulo. **A história do pensamento contábil**. Porto Alegre: Bookman, 2000. reimpressão 2002. p. 209.
- ¹⁵ INGRAM, Robert W.; HOWARD Thomas P. The association between course objectives and grading methods in introductory accounting courses. **Issues in accounting education**, v. 13, n. 4, nov., 1998.
- ¹⁶ SAUDAGARAN, Shahrokh M. The first course in accounting: an innovative approach. **Issues in accounting education**. v.11, n. 1, p. 84-94, 1996. p. 85.
- ¹⁷ CAMARGO, Ynel Alves de. O ensino da contabilidade e o futuro da profissão. **Revista CRCRS**, Porto Alegre, v. 20, n. 66, p. 39-46, 1999. p. 39.
- ¹⁸ FERREIRA, Aracéli Cristina de Sousa. O ensino da contabilidade – Mudança nos cursos de ciências contábeis – Questão de currículo ou mentalidade? **Contabilidade Vista e Revista**, Belo Horizonte: v. 4, n. 1, p. 3-8, fev., 1992. p. 3.
- ¹⁹ FRANCO, Hilário. Cursos de pós-graduação, educação profissional continuada e valorização da profissão contábil. **Revista Brasileira de Contabilidade**, Brasília, v. 26, n. 103, p. 46-55, jan./fev., 1997. p. 53.
- ²⁰ COELHO, Claudio Ulysses Ferreira. **O ensino superior de contabilidade e o mercado de trabalho : uma análise no município do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2000. 138 f. Graf. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, UFRJ. 2000.
- ²¹ PRATT, Jamie; FREDERICKSON, James R. A model of the accounting education process. **Issues in accounting education**. v. 10, n. 2, 1995. p. 231.
- ²² LAFFIN, Marcos. (2005) **op. cit.**, 2005. p. 171.

ABSTRACT

Claudio Ulysses Ferreira Coelho. Reflections on teaching accounting: cultural and methodological aspects.

The main objective of this article is to promote a reflection on accounting teaching in Brazil, focused on cultural and methodological aspects. The importance of this discussion is main-

ly to point out the need to shift the focus of accounting programs in the country, in order to bring them closer to current professional needs, as well as to align them to current social and economic dynamic. Through discussion on historical, educational, and professional development of accounting in Brazil, up to its current configuration in the national scenario, this study stresses some points that deserve attention in order to achieve the main purpose of this discussion: to improve the quality of accounting programs in Brazil.

Keywords: Accounting; Teaching; Social science; Professional profile; Accounting system; Professional ethics.

RESUMEN

Claudio Ulysses Ferreira Coelho. Reflexiones sobre la enseñanza de la contabilidad: aspectos culturales y metodológicos.

El objetivo principal de este artículo es promover una reflexión sobre la enseñanza de la contabilidad en el Brasil, enfatizando aspectos culturales y metodológicos. La importancia del objetivo principal del debate es señalar la necesidad de un cambio de enfoque en los programas de contabilidad del país, a fin de hacerlos más afines a las necesidades profesionales de nuestro tiempo y al mismo tiempo, adaptarlos a la dinámica social y económica actual. Por medio de la discusión sobre el desarrollo histórico, educacional y profesional de la contabilidad en el Brasil, hasta su configuración actual en el escenario nacional, se comprobarán en este estudio, algunos puntos que merecen atención con referencia al logro del objetivo principal del presente debate: mejorar la calidad de los programas de contabilidad en el Brasil.

Palabras clave: Contabilidad; Enseñanza; Ciencia social; Perfil profesional; Sistema contable; Ética profesional.